

Grupos dos Onze: a tentativa de resistência

Graziane Ortiz Righi¹

Resumo: Já nos primeiros dias após a deflagração do golpe se iniciou a “caça às bruxas”. Os integrantes dos *Grupos dos Onze*, ao lado dos comunistas, foram os primeiros perseguidos pelo novo governo que se instaurará. Os *Grupos de Onze Companheiros* ou *Comandos Nacionalistas* foi um movimento encabeçado por Leonel de Moura Brizola com intenção de pressionar o presidente João Goulart a implantar as Reformas de Base, principalmente a reforma agrária. Constituído ao final de outubro de 1963. Através da rádio Mayrink Veiga, Brizola convocava a população a formar os grupos. Houve adesão importante, principalmente no Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. O forte carisma despendido por Leonel Brizola também deve ser considerado, assim utilizaremos a definição de Max Weber para o conceito. O nome do grupo refere-se à paixão nacional: o futebol. Dessa forma, o presente trabalho pretende aprofundar a composição e ideologia dos grupos com o objetivo de compreender a repressão imediata ao golpe. Utilizaremos como fonte a cartilha de formação dos grupos que se encontra no acervo Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultura da PUCRS, no fundo sobre a Ação Integralista Brasileira. Analisamos também os Documentos da Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, especificamente das Seções de Ordem Política e Social (SOPS) que agiam nas delegacias do interior - localizados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs).

Palavras-chave: Ditadura Brasileira, Grupos de Onze, Repressão.

Diante de um quadro de instabilidade política, social e econômica com ameaça de um possível golpe militar, o que acabou se concretizando meses posteriores, Leonel de Moura Brizola, usando de seu inegável prestígio entre as massas populares, convocou a população para formarem os *Grupos de Onze Companheiros* ou *Comandos Nacionalistas*. Através de uma cadeia de estações de rádio liderada pela Mayrink Veiga² que detinha, na época, o maior percentual de ouvintes da classe baixa e atuava em rede nacional, o então deputado federal pelo estado da Guanabara convocou homens e mulheres para formarem os *Grupos*. Além da

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista FAPERGS/CAPES. Contato: grazi.ortiz@gmail.com

² Fundada no Rio de Janeiro em 1926 e fechada em 1965 pela ditadura civil-militar, justamente por ter participado da Cadeia da Legalidade em 1961, foi líder de audiência na década de 1930 e reduto de grandes nomes do rádio, como Carmem Miranda e Noel Rosa. A rua onde a rádio foi instalada recebeu o nome de Mayrink Veiga. Foi ao lado da Rádio Nacional uma das duas mais importantes emissoras do período que ficaria conhecido como a "Era do Rádio". MOREIRA, Sônia Virgínia. *A porção carioca do rádio brasileiro*. In: Revista USP, n. 56. São Paulo, 2002-2003, p. 42-47.

convocação feita através do rádio outro meio utilizado por Brizola foi o jornal semanário *O Panfleto*, publicação criada em fevereiro de 1964 para divulgar as ideias e propostas da Frente de Mobilização Popular (FMP) e que serviu também como meio de comunicação dos *Grupos dos Onze*.

De acordo com a cartilha fundadora intitulada “Organização dos ‘Grupos de Onze Companheiros’ ou ‘Comandos Nacionalistas’”, divulgada pela Mayrink Veiga e pelo *O Panfleto* os objetivos principais eram:

Atuação organizada em defesa das conquistas democráticas de nosso povo (luta e resistência contra qualquer tipo de golpe, venha donde vier), pela instituição de uma democracia autêntica e nacionalista, pela imediata concretização das reformas, em especial das reformas agrárias e urbanas, e sagrada determinação de luta pela liberdade de nossa Pátria da espoliação internacional.³

Brizola sentia que as reformas não passariam pelo Congresso que estava a representar os interesses dos grandes latifundiários e da elite brasileira, dessa forma decide forçar o presidente a implantar as medidas através da pressão popular, os *Grupos de Onze* protagonizaram essa pressão. Visavam também resistir caso houvesse um golpe, algo já anunciado por Brizola antes mesmo da concretização do fato em abril de 1964. No entanto, isto não foi possível, pois os *Grupos* foram tardiamente organizados e, portanto, não tiveram tempo para reagir como o esperado. Ao final, o que realmente aconteceu foi uma forte perseguição aos brizolistas adeptos e simpatizantes dos *Grupos*. Segundo Paulo Schiling, que fora por anos assessor de Brizola, inclusive no período de formação dos *Comandos Nacionalistas*, o real objetivo era organizar um movimento de massa, com base na ideologia do nacionalismo popular-revolucionário:

A partir do movimento de massas constituído pelos “Grupos dos 11”, pensava-se organizar numa segunda etapa, o partido revolucionário, já então considerado indispensável por Brizola. Um partido que teria inclusive seu “braço armado”, constituído pela oficialidade nacionalista, pelos sargentos e marinheiros. (SCHILING, 1979, p. 243)

Como já observado acima, a finalidade dos grupos levanta algumas questões, após análise de parte da bibliografia referente ao tema foi possível constatar que há quem defenda sua formação apenas como forma de pressão e de união da esquerda, enquanto por outro lado temos pesquisadores que caracterizam os grupos como armados ou guerrilheiros que

³ Caderneta de Organização dos Grupos de Onze Companheiros ou Comandos Nacionalistas, 1963, p. 8.

planejavam ações contra comandos das Forças Armadas e a comunidade civil favorável ao golpe. A primeira afirmação tem por base depoimentos de participantes dos grupos e também de seus mentores, como o próprio Brizola, além de seus companheiros na época, como o Coronel Emílio João Pedro Neme – comandante dos *Grupos dos Onze* no Rio Grande do Sul. Sérgio Gonzalez que também atuou nos *Comandos* em Porto Alegre descreveu as atividades, as quais colaboram com os indícios de que os *Grupos de Onze* se constituíam como forma de pressão:

Nosso trabalho consistia em pesquisar a situação social das periferias de Porto Alegre, detectando os problemas sociais e formando um quadro real das carências das populações pobres, suas necessidades e aspirações. Atuávamos muito na área rural, no chamado Cinturão Verde, implantado por Brizola, quando prefeito da capital gaúcha, no âmbito da então Secretaria Municipal da Produção e do Abastecimento, também criada por ele em 1956. Ao mesmo tempo em que fazíamos esse trabalho, sempre nos finais de semana, conscientizávamos o povo para a situação brasileira e a necessidade de união entre todos para pressionarmos o Congresso para a aprovação das Reformas de Base. (GONZALEZ, 2010, p. 103)

Contudo, após a deflagração do Golpe civil-militar Leonel Brizola realmente solicitou aos “companheiros” que pegassem em armas e lutassem contra os expropriadores, a exemplo do Movimento da Legalidade em 1961, o que em realidade não aconteceu por que os grupos haviam se organizado recentemente e não proporcionou uma reação, de acordo com a análise de Schiling. Para Elenice Szatkoski “os grupos, além do potencial guerrilheiro, desempenhariam o papel de conscientizadores políticos de um processo revolucionário” (SZATKOSKI, 2003, p. 148).

Quanto ao nome do movimento cabe uma breve explicação. Brizola tinha uma relação direta com as massas populares, sabia atingi-las muito bem através de seus memoráveis discursos, e seu objetivo na formação dos *Grupos* era agregar um número grande de voluntários, então nada mais apropriado que valer-se do que o povo mais entendia e gostava: o futebol, nesse sentido “era uma organização popular simples, pois uma pessoa que juntasse mais dez amigos ou conhecidos formaria um ‘grupo de onze’, como um time de futebol” (BALDISSERA, 2005, p. 74). Parece algo muito pequeno diante do amplo território brasileiro, mas a ideia era criar grupos em todos os lugares, como uma rede de resistência e luta, segundo o próprio Brizola:

Pode parecer pequeno, mas também pequeno é um simples tijolo. E é exatamente com pequenos tijolos reunidos, somados, interligados, cada um

com sua função e adequadamente dispostos é que se fazem as construções ou se complementam os grandes edifícios de concreto armado⁴.

Então ao final do ano de 1963 os grupos começam a se formar a partir dos discursos de Brizola proferidos as sextas-feiras à noite na Rádio Mayrink Veiga que por vezes passavam de três horas. As pessoas se reuniam para ouvir e discutir os próximos rumos da organização. Estima-se que mais de vinte mil *Comandos Nacionalistas* foram formados em todo território brasileiro, entretanto esses números ainda não são confirmados. A maior concentração dos *Grupos* foi no interior do Rio Grande do Sul, por dois motivos em especiais: o sucesso da Campanha da Legalidade que projetou Brizola como líder nacional e reforçou ainda mais seu prestígio entre os gaúchos por sua administração bem sucedida como governador (1959 -1963) e por privilegiar a luta pela reforma agrária. Neste momento Leonel de Moura Brizola tornava-se, gradualmente, o líder das esquerdas no Brasil, seu perfil de liderança agregava os grupos e concentrava seus objetivos, além de sua facilidade de mobilização das massas.

Tal facilidade devia-se muito pela sua boa oratória, aspecto chave do carisma. Brizola expressava-se de forma que atingia as massas populares, valia-se de palavras simples e diretas transformando os discursos em uma linguagem acessível que atingia a população pouco letrada, “sua oratória inflamada e nacionalista sempre empolgava a multidão” (CHIAVENTO, 1995, p. 13). Entretanto, seu vocabulário era erudito, devido em parte a sua formação acadêmica, o que o distinguia era sua capacidade de traduzir sua fala para a linguagem popular, gerando uma aproximação. Em suma, ele fazia muito bem o uso da retórica e este era, definitivamente, uma de suas maiores qualidades. Além disso, devemos destacar seu carisma que o tornou um dos grandes líderes carismáticos da política brasileira.

O conceito sociológico de carisma foi apresentado por Max Weber para caracterizar uma forma peculiar de poder (BOBBIO, 2007, p.149). O carisma é uma qualidade considerada extracotidiana, que não pode ser “aprendido” ou “inculcado”, somente “despertado” e “provado” (WEBER, 2009, p.164). Bobbio também se alinha a essa característica ao afirmar que a existência dos líderes cuja autoridade se baseia, não no caráter sagrado de uma tradição nem da legalidade ou racionalidade de uma função, mas num dom, isto é, na capacidade extraordinária que eles possuem (BOBBIO, 2007, p. 149). Podemos inferir, mesmo sabendo que é considerado um tema polêmico, que se trata de uma vocação ou

⁴ Caderneta de Organização dos Grupos de Onze Companheiros ou Comandos Nacionalistas, 1963, p. 8.

até mesmo de uma predestinação, ou seja, se nasce carismático. Há ainda uma intransferibilidade, muito dificilmente o líder carismático transfere a lealdade de seus liderados a um sucessor ou herdeiro (SENTO-SÉ, 1999, p.250). Brizola não conseguiu fazer sucessor na prefeitura de Porto Alegre nem passar o governo do Rio Grande do Sul, em 1962, ao candidato petebista Egydio Michaelsen. Aquele que é caracterizado como carismático possui uma associação de dominação de adeptos onde há uma relação comunitária de caráter emocional, ou seja, o quadro administrativo do senhor carismático não é um grupo de “funcionários profissionais”, e muito menos ainda tem formação profissional (WEBER, 2009, p.159). Nesse sentido a dominação carismática opõe-se estritamente tanto à dominação racional, especialmente a burocrática, quanto à tradicional, especialmente a patriarcal e patrimonial ou a estamental (WEBER, 2009, p.160), é algo emocional. Para Weber,

O portador do carisma assume as tarefas que considera adequadas e exige obediência e adesão em virtude de sua missão. Se as encontra, ou não, depende do *êxito*. Se aqueles aos quais ele se sente enviado não reconhecem sua missão, sua exigência fracassa (WEBER, 2009, p.324).

Um exemplo dessa relação foi a formação dos *Grupos* que também o consagrou como um líder carismático, numa esfera nacional, que vinha desde a Campanha da Legalidade perpassando por sua eleição na Guanabara, quando obteve a maior votação da época.

Dos Grupos

Uma das principais fontes sobre a formação dos grupos é a cartilha “Organização dos *Grupos de Onze Companheiros ou Comandos Nacionalistas*”⁵ composta de dez páginas contendo as diretrizes gerais para formação dos *Comandos*, bem como seus objetivos, já citados acima. Dentre as informações básicas para sua formação consistia registrar em atas a organização do grupo, preencher as listas, as quais eram padrão e já vinham impressas, com os nomes e endereços dos componentes e depois enviarem à rádio localizada no Rio de Janeiro para comunicar o deputado Brizola da formação dos *Comandos Nacionalistas*. Foi através destas listas que os militares, após o Golpe, apoiaram-se para realizar suas perseguições e instalarem os inqueritos. A sede do comando seria a residência de qualquer um dos seus membros. Em seu depoimento, Gonzalez destaca o caráter informal dos *Grupos*:

⁵ Localizada no acervo Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultura da PUCRS - no fundo sobre a Ação Integralista Brasileira.

Ninguém precisava fazer “juramento de obediência irrestrita ao chefe” e nem seguir qualquer decálogo ideológico para ser membro de um Grupo dos Onze. Lógico que eram todos de esquerda. Defendiam o trabalhismo de Alberto Pasqualini, base ideológica do PTB de Getúlio Vargas, o socialismo europeu e, os mais radicais como eu, o marxismo, que estudei por orientação do meu pai. Tinha apenas de ser alguém desejoso de trabalhar com o objetivo de evitar que o Brasil saísse dos trilhos da democracia, e levar adiante os avanços econômicos, sociais e políticos iniciados por Getúlio Vargas, seguindo sem solução de continuidade no governo do presidente João Goulart com as Reformas de Base. (GONZALEZ, 2010, p. 98)

Para Brizola esse era o momento do povo unir-se e promover intensas manifestações sociais de inconformidade. Como argumentação ele recorre ao momento histórico da morte de Getúlio Vargas que teria cometido suicídio para que o povo despertasse contra a espoliação internacional que levava para fora de nossas fronteiras o fruto de nosso trabalho. Entretanto, por outro lado existia o “antipovo”, a minoria privilegiada e dominante que não ficaria feliz com uma possível reação da população, nas palavras de Brizola: "uma minoria de brasileiros egoístas e vendilhões de sua Pátria, minoria poderosa e dominante sobre a vida nacional desde o latifúndio, a economia e a finança, a grande imprensa, os controles da política até aos negócios internacionais, associou-se ao processo de espoliação de nosso povo. Esta minoria é que chamamos de antipovo, de antinação"⁶. Este era, então, o momento em que cada cidadão deveria decidir se estava com o povo ou com o “antipovo”; se seria patriota ou traidor.

O então deputado Brizola deixou claro na Cartilha o que previa para o futuro do país e alertava para a possibilidade de golpe, talvez numa estratégia para arregimentar mais adeptos para a sua luta:

E daí caminham para o Estado de Sítio, para as pressões, para medidas policiais contra o que chamam de agitação, para as restrições das liberdades públicas e individuais, para o chamado govêrno (sic) forte, para o golpe e a ditadura. Dirão sempre que tudo é feito em defesa da ordem, da democracia do desenvolvimento econômico, da liberdade, da família brasileira e de nossas tradições cristãs.⁷

Praticamente todas as sextas-feiras o deputado guanabarrino tomava conta dos microfones da rádio Mayrink Veiga, de alcance nacional, e ficava horas discursando. Foi durante esses discursos que convocou o povo a unir-se e organizar-se nos *Grupos*, na cartilha de formação Brizola deu muito destaque a importância da população brasileira se unir para

⁶ Caderneta de Organização de Grupos dos Onze Companheiros ou Comandos Nacionalistas, 1963, p. 1-2.

⁷ Caderneta de Organização de Grupos dos Onze Companheiros ou Comandos Nacionalistas, 1963, p. 2-3.

lutar por seus objetivos: “povo desunido, povo desorganizado é povo submetido, sem condições de defender seus mais sagrados interesses (sic) e de realizar seu próprio destino”⁸.

Nesse momento Brizola havia “abandonado” informalmente o Congresso Nacional atuando como deputado fora de Brasília⁹. A formação dos *Grupos de Onze Companheiros* era uma evidência dessa luta fora dos meios institucionais. A opção pelo rádio vinha desde o seu governo no Rio Grande do Sul, consagrando-se no evento da Campanha da Legalidade quando através da Rede da Legalidade (rede de rádios encampadas) o então governador convocou a população para lutar pela posse do vice-presidente João Goulart.

Os *Grupos de Onze* surgiriam, segundo Leonel Brizola, para unirem-se ao movimentos já existentes como Frente de Mobilização Popular (FMP), Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), Sindicatos, União Nacional dos Estudantes (UNE), Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), sem terras, as Ligas Camponesas e dentre os partidos o PTB e o PSB. É importante destacar que em nenhum momento foi citado o PCB, embora Brizola estive cada vez mais próximo dos comunistas não podemos classifica-lo como tal, ao contrário, ele evitava ser comparado aos “vermelhos”. Brizola sempre foi um capitalista, mas que batalhava por um sistema mais igualitário.

Abaixo podemos analisar um modelo de ata de formação de um *Comando Nacionalista* evidenciando o caráter simples e de mobilização dos adeptos, além de conter basicamente toda a ideologia do grupo:

Nós, abaixo-assinados, nesta data, resolvemos nos constituir um comando nacionalista, em número de onze patriotas e escolhemos para Comandante o companheiro _____ e para Sub-Comandante, o companheiro _____. O Comando Nacionalista que fundamos tem por objetivo a atuação organizada em defesa das conquistas democráticas de nosso povo, pela instituição de uma democracia autêntica e nacionalista, pela imediata concretização das reformas, em especial das reformas agrária e urbana, e, sagrada determinação de luta pela libertação de nossa Pátria da espoliação internacional. A sede do comando será a residência de qualquer um de seus membros. Nesta data, resolvemos, ainda comunicar ao DEPUTADO LEONEL BRIZOLA, a cargo da rádio Mayrink Veiga, à rua Mayrink Veiga, 15 – Rio de Janeiro – Estado da Guanabara, a

⁸ Caderneta de Organização de Grupos dos Onze Companheiros ou Comandos Nacionalistas, 1963, p. 4.

⁹ Uma das evidências desse “abandono” é o reduzido número de pronunciamentos que Brizola proferiu no segundo semestre na Câmara. Sobre este assunto ver: VERSIANI, Maria Helena. Padrões e práticas na política carioca: os deputados federais eleitos pela Guanabara em 1962 e 1970. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

fundação do Comando Nacionalista, com os nomes e endereços de seus membros.¹⁰

No interior do Rio Grande do Sul a formação dos *Grupos de Onze* foi expressiva, o ex-governador detinha grande admiração dos gaúchos. Inúmeras pessoas nem sabiam ao certo para que serviam os *Grupos* e quais seus objetivos, mas mesmo assim os formavam, pois era um pedido do deputado Brizola. Para Baldissera (2005), esta lealdade nas propostas brizolistas demonstrava certa ingenuidade de parte da população. Entretanto, podemos observar que essas pessoas eram leais a Brizola porque realmente acreditavam nas suas propostas como a Reforma Agrária¹¹ e em algumas ações desenvolvidas consideradas como nacionalistas e de enfrentamento aos interesses regionais ou de empresas multinacionais – ou seja, a desapropriação de duas subsidiárias de empresas multinacionais norte-americanas, a Companhia Energia Elétrica Rio Grandense (Ceerg), pertencente à *Bond and Share*, e a Companhia Telefônica Nacional (CTN), subsidiária da *International Telegraph and Telephone (ITT)*. E também porque já conheciam o deputado da época que ele fora governador do Rio Grande do Sul, quando, por exemplo, houve um incentivo na educação com a construção de inúmeras escolas, especialmente no interior. Enquanto para Szatkoski (2003), Brizola poderia ser classificado como um mito, uma referência de incorporação de amplos valores humanos em uma mesma pessoa, através de sua liderança, que influenciava a todos que viam nele a verdade.

As maiorias dos grupos eram compostas por pequenos agricultores (muitos em situação de agregados) humildes, sem instrução e que batalhavam por melhorias no campo, assinavam as listas na esperança de receber terras, sementes e maquinários para trabalhar a terra, alguns chegaram a colocar nomes de filhos recém-nascidos para completar o número dos “Onze Companheiros”. Naquela época era comum as pessoas se reunirem na casa de algum vizinho para ouvir na rádio as mensagens de Leonel Brizola nos chamados “serões”.

Já no estado da Guanabara, onde Brizola também exercia forte influência¹² a composição dos *Grupos de Onze* era diferente, segundo Jorge Ferreira (2004), por incluir militantes com maior grau de instrução (estudantes em geral da Faculdade Nacional de Direito e da Faculdade Nacional de Filosofia) na sua formação. Eram mais organizados e atuavam mais incisivamente: praticavam pichações em muros, colavam cartazes e observância

¹⁰ Caderneta de Organização dos Grupos de Onze Companheiros ou Comandos Nacionalistas, 1963, contracapa.

¹¹ A formação dos Grupos no Rio Grande do Sul se deu principalmente na área rural onde a demanda pela reforma agrária era latente.

¹² Foi eleito a deputado federal com 269 mil votos nas eleições de outubro de 1962, maior votação da época.

dos horários dos altos comandos das forças armadas para no caso de golpe sequestrá-los, o que nunca realmente ocorreu. A localização na malha urbana favorecia este tipo de ações.

Ainda segundo Ferreira a formação dos grupos foi recebida positivamente por grupos de esquerda, como AP, POLOP, tendências trotskistas, deputados do Grupo Compacto e pelo movimento dos sargentos alinhados com Brizola, mas criticada por membros do PCB. No entanto, a maior consequência, segundo o autor:

Foi a de gerar o medo-pânico entre os conservadores e a direita civil-militar. Mesmo que a iniciativa de Brizola não tivesse tido tempo de prosperar, a imprensa supervalorizou o movimento, publicando notícias assustadoras sobre supostas ações, na maioria das vezes imaginadas pelos donos dos jornais, dos Comandos Nacionalistas. Comunismo e guerra revolucionária eram as imagens mais disseminadas. (FERREIRA, 2004, p. 199-200)

Em avaliação *a posteriori* sobre a formação dos *Grupos*, Brizola defendeu que seu “erro foi não chamar o Grupo dos Onze de ‘clubes da defesa da democracia’. Não tinham armas, não eram milícias (...) tentei formá-los a fim de arregimentar a sociedade civil contra o golpe de Estado (BANDEIRA, 1979, p. 199).

O papel da Imprensa na construção do imaginário sobre os *Grupos de Onze*

Foi através da imprensa, mais especificamente o rádio, que Leonel Brizola conseguiu arregimentar adeptos aos *Comandos Nacionalistas*, a mesma imprensa foi fator decisivo para criar o medo em torno da formação dos *Grupos*, nesse caso os jornais impressos da grande mídia. Como já citado anteriormente, ao que tudo indica os *Grupos de Onze* ganharam repercussão muito maior do que realmente tinham pela forma como foram tratados pela grande mídia¹³. Foi através da imprensa que Leonel Brizola fez seus chamamentos para organização dos *Grupos*, mais especificamente o rádio, o veículo de comunicação que tinha maior abrangência na época, assim os apelos de Brizola foram ouvidos em todos os cantos do país. As classes média e alta, com maior instrução, tinham acesso à imprensa escrita, ficando o rádio com as classes mais baixas, mas como o objetivo era atingir as massas este foi o melhor meio de divulgação para formar os *Comandos*, pois o hábito de ouvir rádio era comum no universo das pessoas simples, sem acesso a outros meios de comunicação.

¹³ A imprensa começou a repercutir sobre o *Grupo de Onze* somente a partir de dezembro.

E foi também a imprensa um dos principais meios de disseminar no imaginário coletivo o medo do comunismo, de tal forma que os *Grupos de Onze* eram representados como células comunistas que estavam se preparando para implantar a guerra revolucionária no Brasil. A reconstrução dos *Grupos* através da imprensa fez parte do processo de propaganda contra o “perigo vermelho” do comunismo dentro do contexto de Guerra Fria.

Em resposta aos pronunciamentos de Leonel Brizola na Rádio Mayrink Veiga foi firmado um acordo entre seus adversários: Roberto Marinho, Nascimento Brito e João Calmon. Unificando suas rádios, a *Globo*, a *Jornal do Brasil* e a *Tupi*, eles criaram a “Rede da Democracia”. O objetivo era reunir a parcela da sociedade contrária àquelas reformas e com discursos unificados, denunciavam o perigo comunista, a política econômica do governo e o próprio Goulart. Logo adiante, o debate político invadiu as páginas dos jornais – de grande tiragem e de âmbito nacional/estadual - meio no qual os adversários do governo Jango e Leonel Brizola formavam a maioria. Diariamente publicavam notícias alarmistas sobre os *Grupos dos Onze* sempre os relacionando ao Comunismo o que contribuiu para criar, nas classes média e alta um imaginário de que as Reformas de Base representariam uma aproximação ao comunismo como sistema de governo.

Outros veículos de oposição ao governo Goulart, e, por conseguinte aos *Comandos Nacionalistas*, era o jornal *Tribuna da Imprensa* de Carlos Lacerda, então governador do estado da Guanabara e o *Diário de Notícias* de Assis Chateaubriand. Diariamente eram publicadas notas criticando e/ou cobrando o governo, além de estarem amplamente engajados na campanha anticomunista, capitaneada pelo complexo IPES/IBAD. Depois de 31 de março de 1964 às notícias em relação aos *Grupos de Onze* aumentaram consideravelmente, apresentando falsas ações armadas e esquemas organizados de reação a um possível golpe.

O único meio de comunicação que estava na contramão da história era o jornal *Última Hora*,¹⁴ fundado em 1951 no Rio de Janeiro por Samuel Wainer e circulava simultaneamente em sete cidades (Rio de Janeiro, São Paulo, Niterói, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Recife). A redação era formada por jornalistas muito identificados com o trabalhismo de Brizola e também com o PCB. Tinha sido fundado para dar sustentação ao governo Getúlio Vargas e, posteriormente, apoiava João Goulart, herdeiro político de Vargas.

Nos meses finais de 1964, após inúmeros inquéritos instalados verificaram-se que os *Comandos Nacionalistas* não eram tão ameaçadores quanto se imaginava, muitas pessoas que

¹⁴ Não foi mera coincidência que fechou logo após o golpe. Aqui no Rio Grande do Sul tornou-se o jornal *Zero Hora*.

tinham assinado as listas mal sabiam da finalidade dos grupos e se mostravam surpresas quanto à acusação de comunistas¹⁵. Assim, a imprensa também mudou seu foco e as notícias sobre o assunto foram perdendo espaço, gradativamente os *Grupos dos Onze* começavam a ser desmitificados como grupos comunistas. A partir de então a imprensa direciona sua atenção para outros assuntos, como a “estabilização” do golpe.

A Perseguição

Para entender o porquê da elevada perseguição aos formadores dos *Grupos dos Onze* é necessário compreender o papel de Leonel Brizola no contexto do pré-golpe. Nesse momento, Brizola detinha uma força política importante dentro da sua agremiação partidária, o PTB, assumindo uma posição de destaque da linha predominante no partido, a reformista-nacionalista. Além disso, ele tornou-se, gradativamente, um dos líderes da esquerda nacionalista que pressionava o presidente João Goulart, seu cunhado, a aprovar as Reformas de Base, caracterizando um momento de grande mobilização política e social. Portanto a figura do deputado Leonel Brizola ganhou destaque neste contexto, especialmente por suas atitudes radicais e as tentativas de enfrentamento, mesmo que em sua maior parte verbais, contra as forças golpistas, civis ou militares. Dentro dessa perspectiva, é importante compreender que sua campanha ao Congresso pelo estado da Guanabara, ao que tudo indica almejando concorrer à presidência em 1965, foi um fato político que amedrontou, ainda mais, os setores conservadores mobilizados contra as reformas e o governo Goulart.

As evidências da ameaça que o líder do PTB representava para as forças conservadoras golpistas se deve, entre outros fatores, à repressão sofrida pelos apoiadores de Leonel Brizola logo após 1º de abril. Com já referido anteriormente, junto com os comunistas, estes foram os primeiros perseguidos. Além disso, Leonel Brizola ficou sendo monitorado pelo governo brasileiro e até por agentes americanos, especialmente durante seus primeiros anos de exílio no Uruguai, o que corrobora a afirmação de que o deputado da Guanabara era visto como forte inimigo das forças golpistas¹⁶. Nesse sentido, fica evidente a

¹⁵ Szatkoski (2003) e Baldiserra (2005) em suas pesquisas nos Inquéritos Policiais Militares na região do Alto Uruguai no Rio Grande do Sul comprovam essas afirmações através dos depoimentos dados à justiça dos participantes dos Comandos Nacionalistas, principalmente dos pequenos agricultores.

¹⁶ Sobre o controle das ações de Leonel Brizola no exílio por agentes estadunidenses ver o livro AGEE, Philip. **Dentro da "Companhia": Diário da CIA**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1976.

atenção que o sistema repressivo dispendeu para os apoiadores do político sul rio-grandense. Após a deflagração do golpe civil-militar fazer parte dos *Comandos Nacionalista* tornara-se atividade criminosa, passível de repressão.

Outro indicio dessa perseguição é a classificação realizada pelo Projeto Brasil: Nunca Mais. Segundo a classificação a maior parte dos processos abertos próximos a 1964 podem ser definidos como envolvimento em “participação em entidades ou movimentos de massas” (BNM, 1985, p. 4) característica que podemos atribuir aos *Grupos de Onze Companheiros*. O Projeto BNM também reafirmou a grande perseguição que os componentes dos *Grupos* sofreram, juntamente com os comunistas, logo após a deflagração do golpe:

Desde o primeiro dia de abril de 1964 a repressão desfechada pelo novo regime se abateu com certa predileção sobre esses agrupamentos, apontando-os indiscriminadamente como comunistas vinculados ao PCB. Nas mais provincianas cidades do interior foram presos e perseguidos cidadãos que estariam articulando a formação dos Grupos de Onze e centenas de inquéritos foram instaurados pela própria polícia local, indiciando esses seguidores de Brizola. Na maioria das vezes os processos judiciais contra os Grupos de Onze tinham início na Justiça Comum, ao nível das comarcas, e isso explica o número relativamente reduzido de ações penais dessa natureza que alçaram a esfera do STM e puderam ser estudados na pesquisa. Uma quantidade incalculável de processos formados para apurar de Grupos de Onze em todo o país, terminou sendo interrompida sem sentença definitiva, por motivo dos ziguezagues observados na legislação pertinente à competência da Justiça Militar para apurar atividades políticas de civis, na fase anterior ao Ato Institucional nº2, de outubro de 1965. (BNM, 1985, p. 129).

Podemos observar outra sentença ao que se refere a quantidade de *Comandos* formados. De acordo com o Brasil: Nunca Mais - obra de referência sobre os estudos da ditadura brasileira - a maioria dos processos abertos para investigar os envolvidos não teve prosseguimento, o que dificulta o levantamento de dados para averiguar a quantidade de grupos formados. Atualmente na historiografia os números que temos são baseados em declarações dos envolvidos e do próprio Leonel Brizola, tendo em vista que muitas das listas enviadas à rádio Mayrink Veiga foram destruídas logo após a deflagração do golpe.

Seguindo ainda com dados importantes coletados pelo Projeto BNM, ao todo foram registrados 12 processos envolvendo os Grupos, num total de 95 réus e mais 92 indiciados, oficialmente, durante o inquérito. Sendo todos os processos de 1964, onde 5 são do Rio de Janeiro, 2 do Rio Grande do Sul, e os demais do Ceará, Piauí, Espírito Santo, Paraná e Santa Catarina, um por estado. Em suma, as buscas aos “subversivos” se davam através das listas

enviadas à Rádio Mayrink Veiga e por denúncias – estas que em muitos casos eram incentivadas por divergências pessoais, permeadas ou não pela política. Não foram poucos os casos localizados em que pessoas foram presas sem ao menos saber o que significavam os grupos. Adversários políticos, vizinhos desafetos até mesmo familiares “desajustados” eram denunciados como participantes dos grupos para que de alguma forma fossem punidos por ações consideradas errôneas ou eliminados das disputas políticas ou ainda comunitárias (PACHECO, 2013, p. 170). Após a identificação as pessoas, cujos nomes constavam nas listas, eram levadas presas para “esclarecimentos”.

Os *Grupos* foram formados em vários do Brasil, contudo não é nosso objetivo analisar caso por caso, entretanto apresentaremos abaixo, de forma resumida, alguns dados em determinadas regiões sobre a existência de *Comandos Nacionalistas*. O levantamento foi feito com base em fontes bibliográficas e documentais. Segundo Marli Baldissera (2005), que analisou a região do Alto Uruguai ocorreram casos de torturas físicas nesta localidade. Na região de Santa Maria, reduto dos ferroviários apoiadores de Brizola, algumas pessoas eram presas, mas liberadas dias depois e encerrada a investigação poucos nomes foram realmente indiciados, como já havia apontado o relatório do Brasil: Nunca Mais. A autora também afirma que, a partir de suas pesquisas nos Inquéritos Policiais Militares (IPM) e nos posteriores processos judiciais, foi possível perceber que a maioria dos envolvidos não tinham a dimensão do contexto político nacional e das possíveis perseguições que poderiam sofrer ao assinarem as listas, ao menos no caso analisado da região do Alto Uruguai.

Na cidade de Frederico Westphalen, analisada por Elenice Szatkoski (2003), responderam a processos de 1964 a 1968 por terem sido considerados os organizadores do movimento Adão Martins, João Manoel de Freitas, Luiz Jacoboski, Izidoro Magalski, Abel da Rosa e José Alves de Oliveira, tendo sido, ao final, inocentados das acusações. Mas não ficaram livres da insígnia de comunistas, sofrendo o preconceito dos moradores da cidade e a pressão psicológica.

Ainda na cidade de Frederico Westphalen alguns participantes dos grupos foram delatados pelo vereador Ênnio Flores de Andrade que durante discurso na Câmara de Vereadores acusou o ex-prefeito, seu adversário político, de líder dos “Grupos dos Onze” na localidade, o acusado era Vitalino Cerutti, líder do PTB na época e presidente das entidades sociais no município. Em depoimento a Brigada Militar, Vitalino afirmou ser militante do

PTB, mas que nunca fizera parte de algum *Grupo dos Onze* e por sua formação religiosa, nos últimos tempos discordava das ideias de Leonel Brizola.

Em pesquisa realizada por Rejane Zonatto (2010), na região do Vale do Taquari no Rio Grande do Sul, é possível evidenciar que a maioria das prisões que ocorreram na região tinham como base a acusação de pertencimento a algum *Grupo dos Onze*, acusação que nem sempre foi confirmada. Outro trabalho analisado para este artigo refere-se a formação dos *Comandos Nacionalistas* em Santa Catarina. Pacheco (2012), afirma que havia mais de cento e dez pessoas envolvidas ou acusadas de envolvimento com os *Grupos*, sendo que as prisões também ocorreram ainda em 1964.

Após análise do fundo documental da Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, especificamente das Seções de Ordem Política e Social (SOPS), órgãos da polícia política subordinados ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) que agiam nas delegacias do interior - localizados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs)¹⁷, foi possível identificar o número elevado de inquéritos abertos pela Polícia Civil para investigar acusados de envolvimento com os *Grupos dos Onze*, confirmando a excessiva perseguição aos adeptos de Leonel Brizola. Num total de cento e dois indiciados como participantes dos *Grupos de Onze* todos foram enquadrados no artigo nº 24 da Lei de Segurança Nacional de 1953, que versava sobre o impedimento de formação de partidos ou associações insubordinados, e reiterando a afirmação anterior todas as investigações foram abertas em 1964, alguns já em abril de 1964. Dado interessante é que entre os investigados havia dois estrangeiros: um da Polônia e o outro da Itália.

Dentre os participantes fichados dos *Grupos* apenas 19 estavam na casa dos 20 anos, a grande maioria eram homens mais velhos e casados, diferentemente do perfil dos guerrilheiros do final da década de 1960. Outros dados que corroboram com informações anteriores: a maioria eram agricultores e de instrução primária. Esse dado vem ao encontro com os motivos pelos quais as pessoas assinaram as listas, ou pelo menos os motivos que elas alegaram às autoridades, muitos acreditavam que assinando as listas receberiam melhorias no campo, como sementes, tratores... Ou então que se tratava de abaixo-assinados pela reforma agrária. Alguns acreditaram que iriam receber livros para os estudos. Muitos seguidores de Leonel Brizola aderiram ao movimento após ouvirem os pronunciamentos do ex-governador na Mayrink Veiga e julgavam estarem batalhando pela aprovação das Reformas de Base. Fato

¹⁷ O levantamento de dados no acervo do SOPS localizado no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul foi realizado pelo historiador Eduardo Brun.

curioso é a afirmação de um dos assinantes da lista que alegou participar dos *Grupos* para defender a pátria contra os comunistas, ele poderia apenas estar se defendendo das acusações ou realmente acreditar nesse objetivo que divergia categoricamente dos objetivos que a mídia atribuía aos *Comandos*, ou seja, de serem células comunistas. Havia ainda alguns casos que afirmaram não saberem do que se tratavam as listas, informação também já levantada pela pesquisadora Marli Baldissera.

Enfim, os *Grupos de Onze Companheiros* ou *Comandos Nacionalistas* formados ao final de 1963 e suprimidos com o golpe em abril de 1964, foi um fenômeno de curta duração. No entanto, as consequências e perseguições sofridas por seus participantes duraram por longo tempo sofrendo com a perseguição do Estado brasileiro acusados de comunistas e inimigos da nação. Podemos afirmar que o principal motivo de formação dos *Grupos* era a forte influência e confiança que Leonel Brizola exercia nos seus adeptos além de comprovar que o início dos anos 1960 foi um momento de luta e de mobilização popular estagnado pelo golpe civil-militar de 1964.

Referências

- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: Nunca Mais**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BALDISSERA, Marli de Almeida. **Onde estão os grupos de onze? Os comandos nacionalistas na região Alto Uruguai – RS**. Passo Fundo: UPF, 2005.
- BANDEIRA, Moniz. **Brizola e o trabalhismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. 2 v. Brasília: Unb, 2007.
- CHIAVENTO, Júlio José. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. São Paulo: Moderna, 1995.
- SCHILING, Paulo. **Como se coloca a direita no poder: os protagonistas**. São Paulo: Global, 1979.
- SENTO-SÉ, João Trajano. **Brizolismo: estetização da política e carisma**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- SZATKOSKI, Elenice. **Os grupos dos onze: Uma insurreição reprimida**. Passo Fundo: UPF, 2003.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. 4.ed. v.1. Brasília: UnB, 2009.
- GONZALEZ, Sérgio. Grupos dos Onze: lembranças que contam a verdade histórica In PÁDROS, Enrique Serra; BARBOSA, Vânia M., LOPEZ, Vanessa, FERNANDES, Ananda Simões (org). **A ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória**. Porto Alegre: Corag, 2010, p 97-108.
- NEME, Emílio. “Capitão, vamos trabalhar juntos?” In PÁDROS, Enrique Serra; BARBOSA, Vânia M., LOPEZ, Vanessa, FERNANDES, Ananda Simões (org). **A ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória**. Porto Alegre: Corag, 2010, p 93-96.
- BRANDALISE, Carla; HARRES, Marluza Marques. Os onze companheiros. **História Viva**. Brasil, p. 27-31, 15 mar. 2014.

FERREIRA, Jorge. A estratégia do confronto: A frente de mobilização popular. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 47, 2004.

ZONATTO, Rejane. **O grupo dos onze no Brasil e no Vale do Taquari**. Lajeado, 2010. 99 p. Monografia de Conclusão de Curso. UNIVATES.